



Ressonâncias musicais no corpo e cena da performance negra

PARECER 1

O artigo é bem escrito, apresenta o processo de montagem de um espetáculo no qual o som/música assume papel preponderante na construção de sentidos. Mobiliza uma discussão relevante para a área do teatro/dança/performance, especialmente na sua relação com a dimensão racial. Acredito que alguns conceitos centrais necessitem de uma melhor definição, conforme apresento a seguir.

O primeiro deles é a noção de musicalidade (e musicalidade negra). Você utiliza em diversas partes do texto este conceito e suas derivações, mas em nenhum momento traz uma definição. O conceito de musicalidade é muito amplo e pode ser vago. Mesmo dentro da área da música, a definição deste conceito não é unanimidade. Portanto, é importante marcar a partir de qual perspectiva você utiliza este conceito.

Outro conceito que necessita de uma explicação mais cuidadosa é “performance negra” (e suas derivações). Você apresenta uma definição na página 3, mas ela me preocupa, pois ela coloca sua definição apenas na sensação de quem performa ou presencia. Mas qual seria a materialidade dessa performance? Ou seja, há determinados modos de movimentar-se, gestos, ações, ou outros elementos que circunscrevem a ideia de performance negra? Como este é um conceito central em seu trabalho, sugiro trazer autores para definir melhor este conceito. Me parece, por exemplo, que a tríade proposta por Ligiéro define mais materialmente o que se pode chamar de uma performance negra (e também de musicalidade negra). Sugiro, então, que este conceito já esteja próximo desta parte em que você define o conceito. Acho que você compreende a performance negra como aquela que emerge de performances tradicionais de origem africana ou afro-brasileira. Ou seja, não é apenas criar a conexão com a ideia de negritude (que pode acontecer, ou não), mas sim um tipo de performance que se origina do estudo e incorporação da gestualidade e da musicalidade (batucar-cantar-dançar) da performance tradicional para o trabalho em cena.

Outro problema é a definição do conceito de “ressonância” que você apresenta a partir da página 6. Você inicia apresentando uma definição do fenômeno físico, mas, logo em seguida, atribui-lhe uma definição metafórica. Não vejo problema em usar a ideia de ressonância como metáfora, como você coloca quando um corpo reage a um som, mas é importante você deixar claro que tal uso é metafórico. Ou se achar necessário utilizar o conceito em sua definição científica, então sugiro buscar a definição no campo da acústica.

Por fim, sugiro repensar o título para “Ressonâncias musicais no corpo e na cena da performance negra”. Acho que o torna mais compreensível.



PARECER 2

O manuscrito apresentado é de grande relevância para o campo de estudos das Artes da Cena Negra, mais especificamente a Performance Negra. Nesse sentido, destaco aqui a capacidade crítica-discursiva do texto, o diálogo qualificado entre as referências e o pensamento poético da obra apresentada, e uma escrita fluida e com correção de linguagem. Considero o texto aceito para publicação, destacando sugestões que não comprometem a pesquisa em sua essência:

Sobre o uso da epistemologia Bantu, sugiro que seja grafada “Bantu”, em detrimento de Banto. Como foi apresentado na pesquisa, é uma palavra que é originária de “Ntu”, pessoa, e seu plural sendo acrescentado o prefixo “ba”. Nas línguas kikoongo, kimbundu, não há presença de “o” em Bantu, nem se usa o “s” para trazer o sentido português de plural, já que a mesma já expressa a pluralidade;

Na seção “Alguns elementos que compõem a musicalidade do espetáculo”, os/as autoras/es mencionam a divindade Iansã como senhora dos ventos, tempestade e sensualidade. Sobre este último adjetivo é importante contextualizar, já que não me parece adequado, sobretudo considerando todas as leituras negativas do fundamentalismo religioso que gera ódio aos cultos afro-brasileiros, além de problematizar o uso equivocado da ideia de sensualidade ocidental para uma divindade africana - neste sentido sugiro a exclusão ou fundamentação do que é dito, para positivar o termo, se for o caso;

Alerto aqui para afirmações ligeiras e firmes sobre a cosmo percepção iorubá, por exemplo quando diz no texto: “de acordo com Prandi, essa divindade além de ser a senhora dos ventos, tempestade e sensualidade [...] é a senhora do raio e soberana dos espíritos dos mortos, que encaminha para outro mundo” (Prandi, 2001, p. 22). Ou seja, tem uma ligação direta com vida e morte”.